

# **O Ensino Das Artes No IFCE Campus Fortaleza, As Possibilidades Na Área E No Reconhecimento Dos Valores Locais Onde Os Campus Estão Inseridos**

*Maria de Lourdes Macena de Souza*

Publicado em: Histórias de Artes, Ofícios e Escolas. Maria Juraci Maia Cavalcante, Patrícia Helena Carvalho Holanda (org). Fortaleza: Edições UFC, 2019. 465p. Artigo p. 447 – 465. ISBN: 978-7282-774-4
---

## **INTRODUÇÃO**

Desde a instalação da Rede Federal de ensino técnico e tecnológico, no seu percurso inicial como Escola de Aprendizes Artífices (1909), Liceu de Artes e Ofícios (1937), Escola industrial de Fortaleza e Escola Industrial do Ceará (1942), Escola Técnica Federal do Ceará - ETFCE (1968), Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET (1999) e agora Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, que este espaço de educação profissional sempre se preocupou em garantir uma educação integral para seus discentes.

Devido a diversidade brasileira e a peculiaridade do território no qual estes ambientes de ensino foram localizados, o Ensino de Arte dentro destas instituições tomou características e proporções distintas. O que se firmou como possibilidades de práticas artísticas, durante mais da metade do tempo dos cento e dez anos vivido destas casas de ensino profissional, foi o estabelecimento de grupos de Banda de Música, Coral, e Teatro principalmente, sempre atuando de forma interdisciplinar tendo também a presença das artes como disciplina nos cursos técnicos integrados.

No caso do IFCE, o Ensino de Artes sempre teve um espaço peculiar para crescimento e colaborações distintas e importantes buscando contribuir com a cidade. É possível verificar também em encontros e momentos de participações coletivas a presença de ações, atividades, cursos e outras iniciativas advindas dos diversos *campi* que o integram.

Destaco que o recorte temporal feito levou em consideração meu tempo na casa para facilitar os dados desta narrativa, aproveitando o momento que tenho para historiar, me utilizando da etnografia e do percurso da memória de tudo o que foi vivido por esta docente/artista/pesquisadora.

Chamo a atenção para o fato de que existem alguns trabalhos que apontam aqui e ali alguns estudos levantados acerca de aspectos das práticas artísticas desta instituição pública federal, como por exemplo os trabalhos de Machado (2008, 2012), Gomes (2013) e Vieira (2017). Entretanto, acredito que este artigo se faz necessário na forma de como traz um recorte do processo que desencadeou as ações exitosas realizadas por este *campus* até aqui, e também nos fará refletir do muito que precisa ser feito para não se perder direitos conquistados com grandes dificuldades.

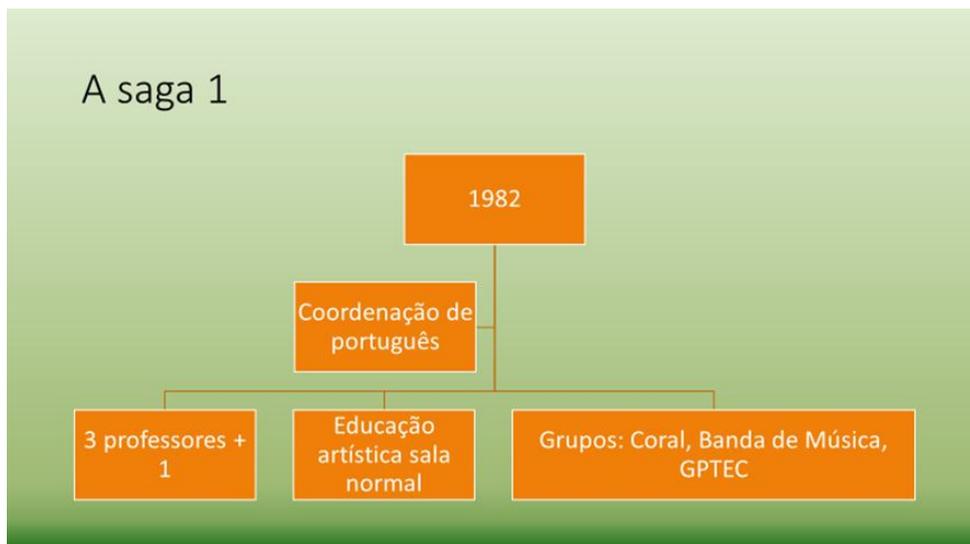
### **1. Asas para voar**

Quando entrei na Escola Técnica (1982) com 25 anos, já trazia oito anos de minha carreira docente, na qual tudo o que eu queria era ser na vida dos meus alunos, o que foi para mim Izaira Silvino, Elzenir Colares, Elba Braga, Gracinha Soares, entre tantos outros exemplos de boas e eternas docentes que eu poderia dar, pois devo a elas grande parte de tudo o que sou.

Quando li o livro “Ah, se eu tivesse asas”, de Izaíra Silvino em 2016, após as emoções que ele me trouxe, lembrei que em 2009 criei, compus o espetáculo *Asas para voar* que contava a história do CEFET (sigla do IFCE na época) por meio das danças tradicionais, dos bailes sociais e da música. Foi nesse momento que percebi que aquela casa de ensino era na verdade as minhas *asas* com as quais eu pude pouco a pouco voar em busca do ensino de arte de qualidade para o meu estado. Que por toda a década de 1990, eu e meus companheiros de casa tínhamos nos envolvido além de tudo com a necessária formação dos professores de Artes. É esse caminho de acertos, erros, ajustes que compartilho abaixo. Chamaremos o primeiro momento de *Saga Um* conforme imagem abaixo:

Figura 1. A disciplina Educação artística em 1982

## A saga 1



Fonte: Acervo da autora

Quando entrei na ETFCE no início de 1982 a Instituição já tinha três docentes de Artes para a disciplina Educação Artística e práticas nos grupos Coral da ETFCE que era regido pela professora Angélica Ellery, o Grupo de Flautas doce com o professor Bastos e a Banda de Música receberia no meio do ano o maestro Costa Holanda.

A equipe era boa, porém, o formato da velha disciplina de Educação Artística dada como história da Arte, realmente, não era o que nessa década se evidenciava como qualidade de ensino em Artes. Além do mais, a subordinação à coordenação da área de Língua Portuguesa sempre nos trazia compreensões equivocadas sobre o tipo de ensino que seria adequado a fazer apesar do carinho, respeito e afeto que aquela equipe sempre nos dispensou.

Minha chegada na ETFCE foi motivada principalmente pelo desejo da Escola na época, de ter uma atividade/projeto que envolvesse os alunos com os saberes tradicionais populares da terra, evidenciasse os homens e suas práticas laborais locais; e, de certa forma, contribuísse para o desenvolvimento de valores socioculturais ligados ao Ceará, ao Nordeste e à nação brasileira. Foi assim que surgiu o *Grupo de Projeção Folclórica da ETFCE*, conhecido por *GPTEC*. Sua primeira apresentação ocorreu em março de 1982 durante o *Projeto Jangada*, projeto cultural de característica interdisciplinar com temática específica que surgia como um espaço para realização de mostra artística, incluindo aqui também a poesia, além música, teatro e dança.

O Coral sob a regência da professora Angélica foi o marco desse momento. Seu talento musical, sensibilidade e afeto congregava jovens cantantes que possibilitava o

ensino de música pela prática do canto a quatro vozes. Seu canto ecoa dentro de mim até hoje, pois foi a qualidade do que estava ali que serviu para impulsionar a minha busca por novas formas de se fazer o ensino de arte.

Tive que ministrar a disciplina de Educação Artística para o período VI do curso de mecânica na última aula de sexta-feira a noite. Foi difícil. Estava tudo errado: o horário, a turma, o formato. Foi nesse momento que comecei a refletir sobre a capacidade da ETFCE na época. Perceber a juventude que estava ali presente no pátio a tocar, cantar, compor e sua presença nos projetos que evidenciavam criação artística como o *Projeto Jangada* e a *Vigília Cívica* durante o sete de setembro.

Minha relação empática com os estudantes possibilitou um conhecimento também do potencial artístico que estes tinham. Dessa forma, sabia que dentre eles tínhamos conhecedores de práticas nas quatro linguagens e isso me trouxe a ideia de elaborar um projeto intitulado de *Projeto Arte e educação*, no qual o aluno poderia fazer a disciplina de Arte escolhendo uma oficina prática como flauta doce, violão, canto, pintura, escultura em argila, serigrafia, teatro, dança entre outras; no entanto, tudo teria que ocorrer no contraturno. Infelizmente, o projeto não foi aprovado porque a gestão achou que isso causaria um grande transtorno.

Em 1984, no período de 19 e 20 de julho, ocorreu o Congresso Mundial da INSEA<sup>1</sup> no Rio de Janeiro. Fui para este evento e nele ouvi Ana Mae Barbosa e sua fala caminhava dentro do que ficaria reconhecido como abordagem triangular. Segundo ela, para se construir o conhecimento em Arte de uma contextualização histórica, era preciso fazer arte e saber ler uma obra de arte. Tudo se casava com o que gostaríamos de implementar desde 2003 na ETFCE. O evento deu a base para a defesa textual do Projeto Arte Educação que queríamos implementar.

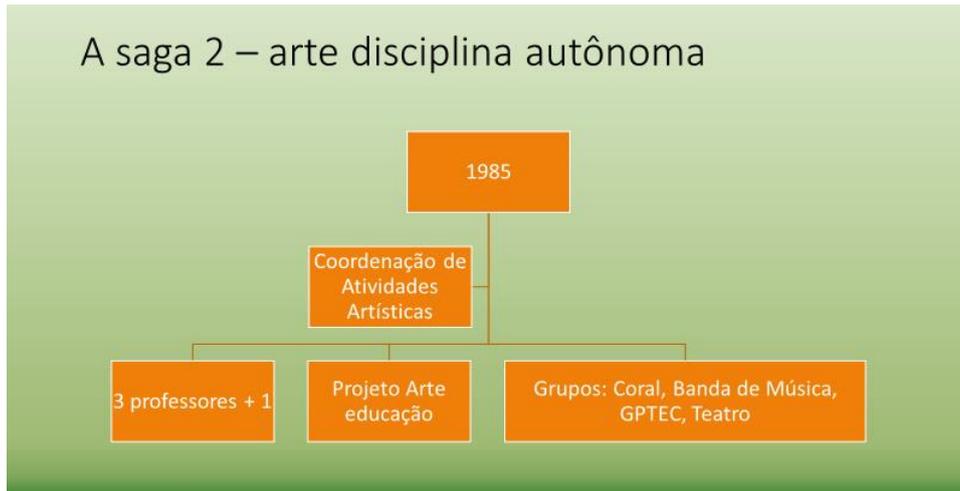
Começamos então a brigar para sairmos da coordenação de português. Com carinho, respeito e afeto, fomos aos poucos sensibilizando a instituição para uma compreensão de que Arte era uma área de conhecimento específico e que necessitava de autonomia para pensar e planejar suas questões. No ano seguinte, em 1985, fomos atendidos, passando a ter nossa própria coordenação.

Figura 2. A coordenação de atividades artísticas.

---

<sup>1</sup> International Society of Education through Art (InSea)

## A saga 2 – arte disciplina autônoma



Fonte: Acervo da autora.

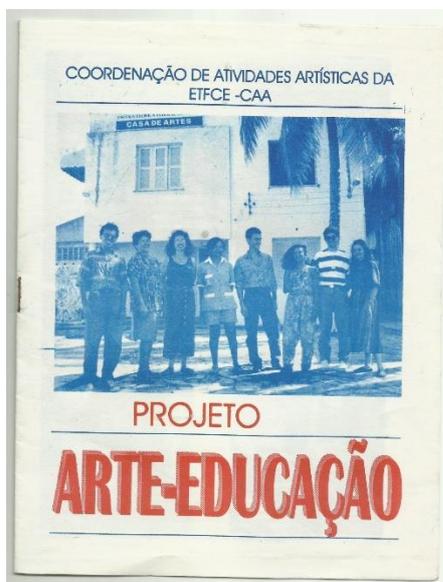
A implantação da *Coordenação de Atividades Artísticas* trouxe principalmente o início de um respeito e a compreensão de que ali começava o espaço para se dialogar com autonomia em busca do Ensino de Arte com qualidade. Na verdade, as práticas em si realizadas nos grupos artísticos oficiais, nesse caso o Coral, a Banda e o Gptec tinham certo apoio institucional e a competência de seus gestores garantia resposta artística ímpar; no entanto, a disciplina de Artes ofertada para todos os cursos é que não trazia possibilidades de envolvimento da juventude com a Arte em si e tampouco espaço de fluidez para criação artística.

Não tínhamos uma sala, um local específico orgânico para nossas reuniões. Resolvemos então com uma divisória fazer esse lugar na sala de música, local no qual ocorriam as atividades do Coral, da Banda e do conjunto instrumental. Esse conjunto tinha uma guitarra, um baixo e uma bateria e era uma atividade que os discentes se organizavam para utilização em ensaios. Durante o dia todo, por muitos sábados, estive com eles na sala de música, principalmente quando se aproximava o *Projeto Jangada*, período em que os discentes se inscreviam para participar com seus trabalhos artísticos.

Continuamos insistindo na ideia de implantar outra forma de ofertar a disciplina, chamada na época ainda de educação artística; porém, a ideia de aulas no contraturno impedia a simpatia da gestão sobre a questão em si. Eis que uma determinação do MEC para o aumento de carga horária das disciplinas técnicas/tecnológicas/profissionais veio a concorrer para a implantação do nosso projeto pois o departamento de ensino percebeu que se levasse para o contraturno arte e educação física tornaria possível as modificações

que o MEC queria. Assim, passamos a receber total apoio para a implantação do que ficou conhecido por muito tempo como *Projeto Arte - Educação da ETFCE*.

Figura 3. Capa do folder do Projeto



Fonte: acervo da autora

A imagem acima traz a fachada da Casa de Artes já em 1992, quando a ganhamos, no entanto, em 1985 quando implantamos o projeto ainda não a tínhamos.

O *Projeto Arte - Educação* foi criado em 1985, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento estético e crítico dos alunos, principalmente no que se refere aos seus processos de produção e apreciação artística, procurando promover uma articulação do fazer, do representar e do exprimir, através de oficinas de artes, audições didáticas, exposições, palestras e outras vivências. O Projeto visava ainda: Desenvolver pesquisas em linguagens artísticas diversas; estimular a apreciação da arte brasileira em todos os seus aspectos; reconhecer e apreciar as manifestações artísticas e culturais do povo cearense; vivenciar expressões folclóricas, usos e costumes do povo brasileiro.

Com este projeto a ETFCE preocupava-se em firmar a Educação Artística como necessária e de extrema importância numa escola como a nossa que tem características totalmente profissionalizantes, pois nossos alunos ingressam muito cedo no mercado de trabalho, o que sujeita o jovem ao risco de transformar-se, sem oportunidades para que a sua capacidade criativa pessoal seja ativada. Com o *PROJETO ARTE-EDUCAÇÃO*, a ETFCE assumiu um compromisso efetivo com a melhoria da qualidade do trabalho com a arte.

Através do projeto o nosso futuro técnico vivencia a arte fazendo, sentindo, ouvindo, participando, sendo, lendo, pesquisando, conhecendo a arte do passado, sua história, seus artistas e suas obras, para através destas vivências ser um cidadão e um profissional melhor.

O projeto não foi apenas uma nova forma de ministrar a disciplina de educação Artística, mas sim um planejamento globalizado de todas as atividades de artes que eram desenvolvidas na ETFCE.

O aluno fazia a disciplina no primeiro período (nossa Escola é semestral), cursando uma das oficinas de arte. Para isto, ele comparecia à Casa de Artes no dia de sua matrícula para fazer opção por uma das oficinas oferecidas naquele semestre. Durante o período em que fazia a oficina, o aluno participava também de um ciclo de palestras, realizava um estudo dirigido como pesquisa orientada, visitava museus, exposições e assistia apresentações conforme a oferta do circuito cultural da cidade.

As oficinas eram flauta doce, Violão, Teclado, Banda de Música, Canto, Colagem, Ilustração, Pintura, Escultura, Desenho Artístico, Teatro, Dança Contemporânea, Sapateado, Expressão Corporal e Dança Popular.

Os alunos das oficinas de Artes plásticas realizavam uma exposição por semestre de seus trabalhos, podendo ser esta realizada na Escola ou em galeria da cidade.

As audições didáticas eram apresentações artísticas, realizadas por artistas da casa ou da cidade e para as quais conduzimos os alunos das nossas oficinas. Os alunos tinham a obrigatoriedade de assistir pelo menos duas por semestre, para isto fazemos o uso do controle de frequência na entrada do auditório mesma forma como fazemos nas palestras.

Cada oficina tinha sua carga horária de acordo com as características de suas atividades como por exemplo: Modelagem, Pintura, Desenho; Teatro e Expressão Corporal – 4h/a semanais; Colagem, Flauta doce, Teclado, Canto, Violão, Ilustração, Dança popular, Sapateado, Dança Contemporânea – 2h/a. Sendo assim, apesar da lei mencionar que podíamos fechar as cadernetas da disciplina de Educação Artística no 2º grau<sup>2</sup> com o mínimo de 32h/a, nossas cadernetas eram encerradas no mínimo com 42h/a.

---

<sup>2</sup> Hoje, Ensino Médio.

O projeto ganhou o respeito da juventude e da Escola, no entanto tínhamos um impasse, a grande quantidade de oficinas era dada por alunos monitores sob a coordenação dos quatro docentes arte educadores. Iniciamos assim um sensível diálogo junto a gestão para obter nove vagas para concurso público e aos poucos, de início, conseguimos seis docentes sendo estes dois músicos, dois artistas plásticos, um de teatro e uma de dança. Foi com esse time que entramos para os anos 90 do século XX oferecendo a disciplina de Artes para os cursos técnico/tecnológico e os integrados.

As mudanças exigidas por lei ao longo da trajetória destas Instituições de Ensino foi interferindo no projeto à medida que a Secretaria de Ciência e Tecnologia do MEC ia fazendo exigências ao corpo docente para facilitar adequações de forma a favorecer o Ensino Técnico/Tecnológico, razão de ser desta casa. O corpo docente de Artes precisou também se pensar dentro do contexto das exigências brasileiras e buscando encontrar formas de promover também formação de professores de Arte.

O que é importante frisar, porém, é que de forma geral o ensino de artes em nosso campus se caracterizou/caracteriza conforme a figura abaixo:

Fig. 4. Diretriz do ensino de arte no campus Fortaleza



Fonte: Acervo da autora

## 2. A formação de professores

Desde o início, compreendíamos que apesar das leis que determinavam obrigatoriedade do ensino de Artes no ensino básico era totalmente ausente esta formação nos 183 outros municípios cearenses.

Fomos aos poucos partilhando esta preocupação com todo o corpo docente e buscando saídas para que pudéssemos contribuir na forma possível da legislação. Assim nos anos 90 iniciamos o que ficou conhecido como *Vivências Didáticas*. A atividade era destinada a professores do primeiro e segundos graus (termo da época) e tinha como objetivo ampliar o repertório de atividades criativas para aplicação docente. Ofertamos o VDAP – Vivências didáticas em Artes Plásticas e o VDTC – vivências didáticas em Técnicas Corporais.

Ofertamos também dez turmas de uma *Especialização em Arte e Educação* e três turmas da *Especialização em Cultura Folclórica Aplicada*. Implantamos o curso de Tecnólogo em Artes Cênicas, o Curso Técnico em Música e posteriormente a Licenciatura em Teatro e a Licenciatura em Artes visuais. Aprovamos em 2017 o Programa de Pós-graduação em Artes tendo atualmente em curso a terceira turma do Mestrado Profissional em Artes.

Na área da pesquisa temos aprovado projetos do PIBIC, PROAPP e participado de editais de incentivo ao desenvolvimento e inovação nos campos das artes em parceria com a SECULT, SECULTFOR, Escola de formação do Porto Iracema das Artes tendo o professor como proponente em editais como: Edital das Artes, Circula Ceará, FUNCAP entre outros.

Na Extensão, além de vários cursos, apresentações participação em eventos oferecemos alguns cursos FIC (Formação Inicial Continuada) ações com os vários grupos artísticos como: Canto Coral, Banda Pop, Teatro, Big Band, Grupo de choro, Sons Transversais, Grupo Miraira (de danças tradicionais e populares), Camerata de violão, Aprendizado em Acordeom (sanfona), Canto popular, etc.. Atuamos também com atividades em Artes Visuais com exposições, movimentos de arte urbana e muitos outros.

Nossa atuação hoje é presença no circuito cultural da cidade e nas lutas e demandas sociais. É o tambor que toca, o corpo que dança, a flauta que desperta, a voz que ressoa, o grito teatral na cena que luta cotidianamente por mais espaço, na cantina, no pátio, no evento do reitor, na chegada dos alunos, nas mais diversas atividades loucas que as vezes eles nos colocam que nós deveremos estar. Não é nosso texto que ganha nossas causas é nossa arte.

### 3. Os saberes tradicionais na academia – um breve olhar sobre a ação do Grupo Miraira

Desde a minha entrada na antiga ETFCE, hoje IFCE, no começo dos anos 1980, venho desenvolvendo atividades de valorização e reconhecimento dos saberes tradicionais populares. Formei um grupo denominado na época de sua criação como *Grupo de Projeção Folclórica da ETFCE*, reconhecido hoje como Grupo Miraira. Este, se tornou o elemento principal de nossas ações para estudos, ida a campo, sensibilização e argumentação dentro da instituição, envolvimento das escolas de ensino básico, sobre a importância destes saberes no âmbito da academia. Fomos estabelecendo uma forma coletiva de trabalhar no campo e na ETFCE/CEFET/IFCE como ensinantes e aprendentes<sup>3</sup>.

Nesses trinta e sete anos vividos à frente deste trabalho, tecemos (eu e o grupo), uma rede rizomática de afetos com Mestres, fazeres, movimentos e programas de valorização da cultura tradicional do povo cearense estando envolvidos com o estabelecimento de quatro disciplinas na Licenciatura em Teatro, sendo duas obrigatórias (Teatro e Cultura Popular<sup>4</sup> e Danças Dramáticas<sup>5</sup>) e duas optativas (LPCT – Laboratório de práticas culturais tradicionais<sup>6</sup> e Sons musicais tradicionais na docência e na prática artística<sup>7</sup>). Junto a pesquisa,

---

<sup>3</sup> Ensinante/aprendente são termos pautados numa relação transferencial de inter-relação permanente, onde os dois são sujeitos com relações intercambiáveis, tendo compromissos de transferência de saberes focados no desejo de conhecimento, dessa forma, os dois ensinam, os dois aprendem (SOUZA, 2014, p. 72)

<sup>4</sup> Compreensão do popular no Teatro (história, tipos e técnicas) Reconhecimento dos usos e saberes do povo, tipos populares, ritmos nordestinos. Elaboração de performance cênica baseada em expressões tradicionais como lendas, contos, mitos. Experimentação de elementos da cultura afro-brasileira. Investigação e prática de lúdica tradicional infantil. Estudo sobre o teatro de formas animadas e Criação e utilização de teatro de bonecos. Audição de músicas e ritmos locais para identificação e elaboração de sonoplastia cearense para a cena. Introdução ao estudo da etnocologia e a natureza do espetacular. Experiências para utilização dos saberes tradicionais populares na docência em artes.

<sup>5</sup> Danças dramáticas – conceitos, histórico, teoria, personagens, características e práticas. Matrizes culturais dos folguedos brasileiros. Danças dramáticas como prática educativa favorecendo a interdisciplinaridade em artes e reconhecimento da pluralidade brasileira. Características do teatro brincante do Brasil. Mouros e cristãos nas danças dramáticas e suas representações. O Teatro de raiz popular no corpo a corpo das performances brasileiras. Danças dramáticas como espetáculo e diversão e sua contribuição na atuação do ator/docente/pesquisador

<sup>6</sup> LPCT - Oportunizar experiências práticas de como criar, organizar, manter e consolidar um grupo de dança/teatro tradicional popular em ambiente educativo formal e não formal experimentando repertório de danças e folguedos tradicionais populares, ritos, músicas e outros saberes.

<sup>7</sup> Cantar, tocar, executar sons de tradição oral e instrumentos étnicos brasileiros e latinos americanos para aplicação docente ou artística.

oficializamos o Grupo de estudos em Cultura Folclórica Aplicada, com cadastro no CNPQ desde 2004, incentivando os jovens artistas à iniciação científica, sempre motivada a partir de sua paixão pela dança e música de raiz popular.

Por meio de projetos de extensão, desenvolvidos entre 1982 e 2019, temos compartilhado experiências nos municípios de Tianguá, Trairi, Pacatuba, Pentecoste, Maranguape, Ubajara, Pedra Branca, Icó, Icapui, Piracima, Quixelô, Cedro, Santana do Acaraú, Pentecoste, Chorozinho, Apuiarés, Tianguá, Barbalha, Paracuru, Itapipoca, Maracanaú, Sobral, Guaramiranga, Limoeiro do Norte, Cascavel e Quixadá. Em todos os momentos, a intenção sempre foi oferecer oficinas, aprender e ensinar, sensibilizar pelo espetáculo.

Fig. 5. Cortejo pelas ruas de Guaramiranga



Fonte: Foto Francisco Costa, site do grupo.

Nossos estudos e visitas técnicas, aulas em campo favoreceram a razão primeira de nosso trabalho dançante, envolvendo sempre as questões sociais e culturais que submergem dos grupos comunitários que detêm estes saberes. Aprender com eles é a ordem primeira para, posteriormente, envolver a teia poética singular das práticas e de seus recortes pensados para espetáculo. Aprender/ensinar/aprender é a onda que nos leva numa trama constante para favorecer a ampliação destes saberes na vida de nossas crianças e jovens diante do mundo caótico que vivemos desagregado do afeto, do abraço, da simplicidade

de estar junto, o que vem favorecendo uma doença crônica urbana na solidão que a juventude vive iludida com amizades virtuais.

Esse nosso aproximar do imaginário, do canto simples e da gestualidade criativa que cada um tem ou pode ter, a partir do universo de seu povo pois nossa ancestralidade se liga apenas ao que é coletivo, ao que foi vivido em ações de vida comunitária; assim, é importante conhecer o mundo, porém este mundo precisa nos incluir, caber, nos ver e respeitar. O que digo, é que a educação precisa encontrar meios de efetivar de fato os saberes tradicionais de nosso povo cearense na escola de forma orgânica, cantante, na pele, na oralidade de nossas lendas e histórias. O que tenho visto é que, na grande maioria, guardadas aqui poucas exceções, é que na prática, quando vemos o que é feito na escola, no sentido da tradição popular traz um efetivo olhar sobre outros lugares e que não é o nosso mesmo, de fato.

Tudo é feito como se o Nordeste fosse um só e o Brasil igual, apesar de todos falarem de diversidade, os professores não são preparados realmente para compreenderem o que isso implica, pois verificando questões de repasse pela oralidade e sabendo que tradição é algo com características ancestrais, porém sempre em movimento, cada saber é único em si e deve ser ensinado nessa ótica, sem universalizar o que é singular. Somente como um exemplo: Pipa no Ceará não voa, aqui o que voa é arraia e tem suas formas de fazer como ofício, pois pipa nesta terra alencarina serve apenas para armazenar água; aqui damos fumo a Caipora e não ao Curupira, pois este ser não habita nossas matas e aquele jogo riscadinho no chão deveria continuar sendo chamado de *macaca* como sempre fizemos antes dos nossos livros do ensino básico virem geralmente da região sudeste.

É preciso favorecer o encantamento de nossas crianças com o universo do que temos e somos, com a singular criação do nosso povo. Por isso, que nosso caminho, meu e do Miraira, que não se separa, sempre teve como razão primeira, o processo educativo pelo encantamento do espetáculo.

Figura 6. Miraira em Brincadeiras em noite de luar/CCBNB/2017



Fonte: Foto Naiany Brito. Site do grupo

Já experimentamos muitas coisas na busca da sensível descoberta dos saberes no contexto deles para entender sua lógica para procurar sempre manter o fio condutor do que é essencial.

Fig. 7. Cantigas de roda



Fonte: F. Costa

Fig. 8. Pastoril no CEFET



Fonte: F. Costa

Figura 9. Casa de Taipa



A construção de uma casa de taipa envolvendo todos do GPTEC na época, trouxe uma proximidade com vários saberes e demandas das comunidades tradicionais e populares.

Fonte: F. Costa arquivo IFCE.

Hoje, caminhamos em busca de uma efetivação mais sólida junto às escolas de ensino básico, principalmente, desejosos de, para esta, produzir material para seu uso na

sala de aula. Sabemos que apesar do muito que o Ceará já avançou nas políticas de reconhecimento de Mestres – Tesouros Vivos do nosso estado, muito ainda se tem para fazer. Sabemos e louvamos os projetos desenvolvidos em parceria entre SECULT/CE e Secretarias dos municípios para presença de Mestres diplomados em pelo menos quarenta escolas.

No entanto, considerando a amplitude do número de escolas em nosso estado, a certeza que temos da necessidade de ações permanentes destes saberes, no fluxo contínuo da vida escolar e da ausência de material pedagógico que possibilite repertório prático para os/as professoras/es, saliento que é urgente e necessário a elaboração de projetos que efetivem esse tipo de material.

Diante disso, no momento estamos gravando um álbum que inclui três cd's, um livro contendo repertório cantante de práticas tradicionais cearenses (cancioneiro lúdico infantil, música de vários cocos, maneiro paus, bois, canas verdes, paus de fitas, maracatus, bois reisados, benditos, penitentes, dramas populares, etc.), além de um livro sobre cultura folclórica cearense em ações docentes.

#### **4. Possibilidades e desafios**

Neste momento em que a educação brasileira sofre tantas incertezas, buscamos, nós do IFCE campus Fortaleza, apesar das ameaças, cortes e a retirada das artes do que já tinha sido conquista, insistimos em continuar caminhando, procurando contribuir para o conhecimento e desenvolvimento da Área por meio do ensino de Arte se utilizando da Rede IFCE. Assim, criamos o projeto *Rede IFCE de Arte e Cultura* junto a Pró-reitoria de Extensão, que pretende desenvolver ações de curto, médio e longo prazo em 32 campi sertão adentro.

A Rede IFCE, que concentra hoje além dos cursos em Fortaleza, mais três Licenciaturas em Música, vai, aos poucos, de acordo com a realidade e demandas dos territórios e macrorregiões onde estes campi estão instalados, fortalecendo a difusão cultural; a sua ação tem contribuído para a formação de professores e oferta de um tipo de ensino de arte com qualidade, ampliando assim, oportunidades de criação, fruição e estudo no campo das Artes.

Usamos como estratégia de ação os territórios das macrorregiões nos quais estes *campi* se encontram (ousamos sonhar, pois sonhar e lutar é preciso), como pode ser visto abaixo:



teria em princípio como fazer. Diria aqui que a maior parte do que conseguimos se deve, principalmente, a isso: à nossa convicção de que o ensino de artes tem lugar social para acolhimento e ampliação, justamente porque se trata de um aprendizado, que nos humaniza e ensina o sentido maior do nosso estar no mundo, com poder imaginativo e simbólico capaz de mover montanhas e fazer de nós caminhantes intrépidos.

### **Referências**

GOMES, S. L. Implantação da disciplina Música no Ensino Médio do Instituto Federal do Ceará (IFCE) Sabrina Linhares Gomes Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE (Campus Canindé). ABEM – XI Encontro Regional Nordeste Anais – Programa e resumos – Agosto 2013.

MACHADO, G. Narrativas de experiências docentes em artes visuais: explorando ambientes e práticas educativas com egressos do IFCE. In: Conexões Ciência e Tecnologia. Fortaleza/CE, v. 6, n. 2, p. 57-65, jul. 2012

SOUZA, Maria de Lourdes Macena de Souza. *Sendo como se fosse – as danças dramáticas na ação docente do ator professor*. Belo Horizonte, 2014. 295f. Tese (Doutorado em Artes) EBA. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-9GFHGX>